

Comunicação Oral

Juventude, Direito e Políticas Públicas

ABRIGO, JUVENTUDE E AUTONOMIA: SEUS ENTRELAÇOS E EFEITOS
Adrielly Selvatici Santos (Iniciação Científica - IC, Universidade Federal Fluminense - UFF), Izabel Taveira Manhães (IC, UFF), Ludmila Mose(UFF), Alessandra Rotenberg(IC,UFF), Daniella Harth Costa(IC,UFF).

O trabalho discute os caminhos da pesquisa “Autonomia e Abrigamento: Um Encontro Possível?”. Vinculada ao Programa de Intervenção Voltado às Engrenagens e Territórios da Exclusão Social (PIVETES) da Universidade Federal Fluminense, tal pesquisa tem por objetivo pensar as práticas que ocorrem nos abrigos, analisando como se dá a construção do processo de autonomia para crianças e jovens abrigadas. Para tanto, dois procedimentos de coleta de dados foram utilizados: entrevista com profissionais que trabalham ou já trabalharam em abrigos e levantamento bibliográfico de produções acadêmicas sobre a temática estudada. Uma das questões levantadas por meio desses dados foi a problematização do próprio conceito de autonomia. Ao menos dois modos distintos de se conceber autonomia foram identificados. Um inspirado em certa tradição transcendente, dualista, individualizante, e outro que procura pensar autonomia enquanto prática imanente e criativa. Alguns discursos/práticas colocam a autonomia como um atributo pessoal de um sujeito livre. Enxergam-na como um ideal que, uma vez atingido, não mais se perderia, passando a ser uma característica permanente vinculada à identidade do jovem. Nessa concepção, não há espaço para a criação de novas formas de vida, novos sentidos, não há espaço para a invenção na imanência do dia a dia dos abrigos, nem para práticas de liberdade. Outros discursos/práticas, no entanto, pensam a autonomia como algo que se dá no exercício. Trata-se de um processo de construção, de invenção de si e de mundo que só é possível pela experimentação, e o que se produz só poder ser visto *a posteriori*. Os caminhos e efeitos produzidos se dão a conhecer no dia a dia, na convivência entre adolescentes, famílias e profissionais, em um ato que ao mesmo tempo em que trilha, inventa o caminho a ser trilhado. Utilizando as duas fontes de dados (entrevistas e textos), pudemos destacar alguns pontos de análise, a saber: relação entre profissionais; criação de alianças dentro e fora dos estabelecimentos; importância da criação de espaços coletivos de discussão; encontros que propiciam ou constroem a construção de territórios existenciais; práticas salvacionistas e de caridade em embate a uma prática do possível; circulação pelos espaços da cidade como possibilidade de afirmação de autonomia; processos de padronização e serialização atravessando os abrigos. Todos estes nos dizem de práticas que circundam cenários ao mesmo tempo potentes ou constrangedores do processo de autonomização. É importante ressaltar que essas ações não são pulsantes ou dominadoras em si, se constituindo a partir de certos contextos sócio-históricos que produzem modos de subjetivação.

Palavras-chave: abrigo, autonomia, juventude

Financiamento CNPq e FAPERJ